

A perestroika na Educação

EURIDES BRITO DA SILVA

Uma das conferências do VII Congresso Mundial de Educação Comparada, realizado recentemente em Montreal, versou sobre a **perestroika** na educação soviética. Pronunciada pela dr^a Soya Malkova, diretora do Instituto de Pedagogia Geral de Moscou, a apresentação ofereceu uma visão precisa sobre os desafios e as expectativas da política de "abertura" e "reestruturação". É essa uma das razões pelas quais a Educação Comparada constitui uma perspectiva indispensável para a compreensão dos problemas educacionais. No curso de uma semana foi possível ter uma visão abrangente das grandes questões que preocupam países dos vários continentes. No caso da União Soviética, as transformações pretendidas no campo de educação despertam a curiosidade do público. Vivemos, após a guerra fria, um momento histórico em que importantes verdades sobre o Leste e o Oeste vêm, como o azeite, à tona d'água. Seria ingenuidade imaginar que, por força da perestroika, a União Soviética abandone o socialismo. O que podemos esperar é um mundo mais voltado para a paz e uma possível aproximação dos dois grandes sistemas econômicos, sociais e políticos que compõem o mundo contemporâneo. Toynbee interpretava o embate entre capitalismo e socialismo como mais um momento de sucessivos conflitos entre o Leste e o Oeste, com seus valores e sistemas de vida diversos lutando entre si, sem, todavia, um engolir o outro. Podemos ser, portanto, pessoas privilegiadas por assistirmos ao desdobramento desta aproximação.

No campo da educação, a conferência da dr^a Malkova nos fez entender que o seu país enfrenta uma crise marcada pelo declínio do crescimento e pela necessidade de enfrentar problemas educacionais caracterizados, inclusive, pelo declínio do rendimento dos alunos. Segundo depreendemos, uma camada de burocratas monopolizava o poder, atravancando com uma máquina enferrujada o atingimento das expectativas populares. A centralização administrativa de um país onde há uma infinidade de línguas e culturas se opunha ao atendimento das necessidades dos alunos e suas famílias. Nos anos 60 e 70 o ensino médio se expandiu acentuadamente, tendo que receber uma clientela diversificada em termos de habilidades, interesses e expectativas. O formalismo e a padronização eram as tônicas do sistema escolar.

Em face desse panorama, a perestroika se baseia, segundo a educadora Malkova, entre outros princípios, nos de descentralização, democratização, humanização, diferenciação e individualização e integração. Recentemente foi decidido transferir todos os assuntos educacionais para a jurisdição das repúblicas e das autoridades locais. A democratização implica participação maior dos pais, alunos e do público em geral nos assuntos das escolas. Significa também desenvolvimento de co-participação pelos estudantes e a criação de uma atmosfera psicologicamente confortável nas escolas. A humanização representa a superação de abordagens tecnocráticas, bem como o reconhecimento da personalidade como valor último em educação. Na vida escolar, afirmou a conferencista, tem sido

estabelecido o reconhecimento da individualidade única da criança e a íntima colaboração entre professores e alunos. A diferenciação e a individualização demandam mais atenção às características individuais de cada aluno e a criação de condições apropriadas para o desenvolvimento de interesses, capacidades, aptidões e valores dos estudantes. Isso se traduz, entre outros aspectos, em mais psicólogos trabalhando em tempo integral nas escolas e mais cursos eletivos oferecidos já a partir da escola primária. Por fim, a integração do objetivo de um desenvolvimento coordenado de todos os tipos de educação para aumentar a sua efetividade. Neste sentido, estão sendo criadas escolas que integram numa só instituição a educação geral, musical, desportiva e os cursos de artes, a fim de garantir o integral desenvolvimento da criança.

No momento em que o Brasil discute sua nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, essas experiências são particularmente interessantes. Elas nos mostram que o socialismo difundido nos livros em português está baseado em teorias e ideais que o próprio povo soviético não viu acontecer. Ao contrário, promovem agora uma ampla tentativa de mudar, radicalmente, os objetivos da educação. Não podemos dizer, de maneira simplista, que a teoria na prática é outra, mas que se torna necessário analisar cuidadosamente a teoria em face da prática antes de dar um passo em falso.

Eurides Brito da Silva é professora titular da UnB, vice-presidente do Conselho Mundial de Educação Comparada e suplente de deputado federal pelo DF.